

## ANÁLISE DE DISCURSO EM PÊCHEUX E A FORMAÇÃO DE TRABALHADORES NA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Rochele Pedroso de Moraes - PUCRS; Gleny Terezinha Duro Guimarães – PUCRS  
[rochelepmoraes@hotmail.com](mailto:rochelepmoraes@hotmail.com), [gleny@pucls.br](mailto:gleny@pucls.br)  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PPGSS – CAPES  
GT 1- Formação em economia solidária e extensão universitária

**Resumo:** O estudo contribui com o debate sobre a formação de trabalhadores em Economia Solidária no Brasil a partir do processo de doutoramento em Serviço Social / PUCRS. Desenvolvemos pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, Análise Documental e Análise de Discurso (AD), segundo Pêcheux (1990). Para construção do *corpus* fizemos um recorte no período entre 2001 e 2014 - pós-Fórum Social Mundial e deliberações das Conferências Nacionais de Economia Social, ênfase no eixo formação e educação. A AD, além de ser uma teoria, também é uma ferramenta de conexão com a totalidade, contribuindo no processo de leitura da realidade social. É urgente a desopacização do contraditório que existe em todo processo discursivo, principalmente no que tange o discurso nas formações discursivas, imaginárias e ideológicas sobre a formação de trabalhadores em Economia Solidária pelo viés da Educação Popular.

**Palavras-Chaves:** Análise de Discurso; Michel Pêcheux; Política Pública; Economia Solidária; Formação de trabalhadores.

### INTRODUÇÃO

O campo científico, nas Ciências Sociais Aplicadas, se assenta na pesquisa de natureza qualitativa. As questões norteadoras servem como filtro, onde o pesquisador busca as informações que devem ser interrelacionadas, sabendo-se que o estudo não dará conta da complexidade com o objeto. Dentro do campo científico, Bourdieu (1983) sinaliza que o pesquisador precisa levar em conta quais são os métodos e as metodologias importantes, os quais devem ser definidos pelo rigor científico. Concordamos com esse pensamento, pois o pesquisador traz consigo uma posição-sujeito, alimentada pela formação social e as formações discursivas, ideológicas e imaginárias, conforme Pêcheux (1990). Há identidade entre o sujeito que pesquisa e o objeto pesquisado, no sentido da dinâmica, do que mobiliza o pesquisador nessa relação. Sendo assim, o processo da pesquisa é atravessado pelas formações ideológicas. Por isto, buscamos o caminho da cientificidade, porque este se traduz no:

[...] avanço do conhecimento sobre os fenômenos sociais que constituem matéria do Serviço Social; refletir criticamente sobre o novo modo de produzir conhecimento e, assim, contribuir para o debate ético sobre o

papel do conhecimento na sociedade contemporânea e participar do debate sobre os desafios que a realidade coloca na contemporaneidade. (SILVA et al., 2005, p. 75).

Estudamos sobre a formação de trabalhadores em Economia Solidária no Brasil, a partir do processo de doutoramento em Serviço Social, de 2016 a 2019, através do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, pelo Curso de Serviço Social, na Escola de Humanidades, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. A linha de pesquisa é Serviço Social e Política Social. Como o objeto do Serviço Social é a Questão Social, manifestada nas refrações e resistências, refletir sobre como ocorre a formação de trabalhadores em Economia Solidária contribui para qualificar a política pública, redefinindo a posição-sujeito trabalhador como participe do seu processo de construção do conhecimento, já sinalizado por Paulo Freire (1992).

Desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa, com o tipo de estudo exploratório, Análise Documental e Análise de Discurso (AD), segundo Pêcheux (1990). Michel Pêcheux foi um filósofo francês, que viveu entre 1926 e 1984, e criou na década de 1960 uma Teoria do Sentido através de um modelo de Análise do Discurso, por meio de conceitos vindos de três grandes áreas, Linguística - ligada a fala e não a forma; Materialismo Histórico - com o conceito de ideologia; e da Psicanálise, com a teoria do sujeito. Para Pêcheux (1990), a ideologia se materializa na linguagem em sua prática, no discurso. Então é por meio da ideologia que produz no sujeito o seu discurso, e são nas relações humanas e históricas que irão determinar a construção do sujeito. A proposta de Pêcheux era compreender os efeitos de sentido e como produzem as suas interpretações.

Para construção do *corpus* fizemos um recorte no período entre 2001 e 2014 - pós-Fórum Social Mundial e deliberações das Conferências Nacionais de Economia Social, ênfase no eixo formação e educação. Buscamos o discurso encoberto, opacizado, como refere Pêcheux (1990) - o não revelado de imediato, contido nos discursos dos sujeitos participantes da Economia Solidária, assim como dos representantes governamentais e do movimento social da Economia Solidária. A originalidade deste estudo está no direcionamento social pela busca dos entremeios do discurso dos governantes, nos equívocos, que serão analisados nos enunciados dos documentos públicos da política de Educação Popular e a formação dos trabalhadores da Economia Solidária.

Para conhecermos o que a comunidade científica está produzindo sobre o tema da formação de trabalhadores, a importância da Economia Solidária no mundo capitalista, e

estudar as variadas formações discursivas foi necessário realizar um mapeamento bibliográfico, avançando o conhecimento teórico-prático, em nível nacional e internacional. Após o mapeamento bibliográfico, encontramos a análise do discurso em estudos e áreas diversas, como por exemplo: Letras, Turismo, Matemática, Educação Física, Tecnologias da Informática, Ciências Sociais, Ciências da Comunicação - Jornalismo, Educação, Psicologia, Ciências Jurídicas e Sociais, Serviço Social, entre outros.

O olhar investigativo sobre a pesquisa está voltado para as descobertas em relação ao processo, do efeito do discurso, sobre como trabalhadores incorporam a análise de discurso, especialmente sobre os achados em Pêcheux:

- O que é o discurso; análise de discurso da linha francesa; Pêcheux; materialismo histórico; ideologia; formação discursiva; posição sujeito; linguística; semântica; sintaxe; entre outros;
- Educação Popular, na década de 1960; estudos freirianos; movimento social; processos organizativos; sujeitos sociais; mundo do trabalho; trabalho informal; inserção produtiva; representações sociais; identidades; cultura;
- Economia Solidária; conceito; princípios; mapeamento no Brasil; empreendimentos de economia solidária; grupos de economia solidária; Secretaria Nacional de Economia Solidária - SENAES; movimento social, fóruns; política pública; legislações; centros de formação em economia solidária; Casas de Economia Solidária.

Nossa concentração, enquanto profissional engajada na luta em defesa da classe trabalhadora, foi a busca pelo *corpus* das narrativas dos dominantes, com análise de desopacidade do real, bem como do discurso de resistência, produzido pelo movimento social da Economia Solidária. A categoria contradição está presente nos discursos, por esse motivo selecionamos estudos de Pêcheux (1990), como referencial teórico importante para leitura da realidade social. Nosso olhar esteve centrado aos trabalhos desenvolvidos à luz do materialismo histórico, embasados em Karl Marx.

Foram analisados os discursos dos movimentos de resistências socioeconômicas e culturais existentes no interior do sistema capitalista no Brasil, através dos mesmos enunciados. Estudamos sobre a qualificação dos processos de trabalho dos empreendimentos em Economia Solidária, por meio de processos educativos - de formação nas diversas dimensões da vida social, como forma de resistência às múltiplas refrações da questão social no sistema capitalista. Percebemos a interlocução Estado-sociedade no que

se refere à política pública de Economia Solidária e da Educação Popular, eixo educação / formação / capacitação de trabalhadores. Percebemos que a Educação Popular perpassa as relações de produção e reprodução da exploração do trabalho pelo capital.

Estamos vivendo no século XXI, no interior de um sistema capitalista, que está “devorando” os seres humanos e a natureza. E, não sabemos o que essa crise estrutural vai gerar. O que mobiliza a sociedade a buscar melhores condições de vida? Lembramos de Marx (2002), quando visualizamos a importância da busca por pequenas revoluções, que se transformam em mudanças sociais efetivas. A necessidade de ser humano impulsiona a busca por revoluções. Essas lutas cotidianas são carregadas de tensões, em uma sociedade contraditória e em constante disputa de classe. Em alguns momentos temos retrocessos, como nos períodos de governos ditatoriais. Em outros, de abertura democrática, há avanços na área social, com construções legislativas e normativas, na área dos direitos fundamentais - centralidade na liberdade, na democracia – construções de políticas sociais públicas, como: moradia, saúde, educação, cultura, lazer, entre outras.

Estamos em um momento histórico, em nível mundial, de grande declínio financeiro, com um sistema capitalista sem precedentes, como ressalta Pereira (2017)<sup>1</sup>. Países desenvolvidos como a França, Espanha, Portugal, Suíça, Estados Unidos, entre outros, estão reorganizando suas estratégias de governo. Nos questionamos que crise mundial é essa e o que vai acontecer? O mundo está vivendo, talvez uma crise que, segundo Harvey (2011) teve início nos Estados Unidos, no ano de 2008, quando o mercado imobiliário abriu falência. As famílias americanas não conseguiram pagar a hipoteca de suas casas, e o mercado imobiliário sem entradas financeiras quebrou financeiramente, mesmo retirando a moradia das famílias. Isso gerou um problema também no capital financeiro e no capital especulativo.<sup>2</sup>

No mundo, sofremos com a alta do Dólar, que se tornou a moeda base nas relações internacionais e comerciais, ultrapassando o valor de quatro vezes o valor do Real, em setembro de 2018. Entendemos essa questão como outra estratégia de manutenção da teoria neoliberal, voltada para a exploração do homem pelo trabalho para manutenção da classe dominante. Harvey (2011) traz que o capital se reinventa. Vivemos em um período de incertezas, e porque não dizer, de medo no que tange a dimensão política na realidade social.

---

<sup>1</sup> Curso ministrado pela professora doutora Potyara Amazoneida Pereira Pereira, no Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais, da UFRGS, em 16 e 17/11/2017.

<sup>2</sup> Nota sobre estes conceitos da Economia, em Harvey (2011).

No Brasil os processos inflacionários estão incontroláveis. Estamos sofrendo enquanto classe trabalhadora com os cortes financeiros e nos investimentos na dimensão social. Com isso, percebemos que outras dimensões da vida humana sofrem impactos, sem precedentes. As crises: política e econômica, juntas deixam a população ainda mais vulnerável. Como sobreviver em um mundo tão desigual? No mundo, o desemprego está em constante aumento. Conforme os dados do PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, milhões de pessoas no mundo estão sem trabalho formal, atingindo o mercado informal, pelo grande contingente de pessoas sem possibilidade no mundo do trabalho. No Brasil, o número de desempregados ultrapassa a marca de 14 milhões de pessoas sem trabalho, de acordo com o levantamento do Instituto de Pesquisas e Estudos Aplicados - IPEA. (IBGE, 2018).

No campo do trabalho, através dos movimentos sociais, os trabalhadores tiveram alguns direitos garantidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). Mas, esses direitos foram flexibilizados com a promulgação de uma nova lei nº 13.467/2017, que autoriza o trabalho intermitente, entre outras questões. Os trabalhadores sofrem com a desvalorização do trabalho e com a competitividade, e agora com a precarização no mundo do trabalho ainda mais aprofundada. Existe enfrentamento das refrações da Questão Social. Mas há uma desqualificação das políticas públicas, no provimento das necessidades mínimas. Fraco, com fome, e com muitas outras questões que afetam a sua condição humana, como esse trabalhador - assujeitado, consegue lutar contra as formas de opressão?

### **Economia Solidária e a formação de trabalhadores**

A Economia Solidária é uma estratégia de articulação econômica, financeira, social, cultural, ainda que no interior do sistema capitalista. Retrata a identidade local de um grupo ou empreendimento social. A Economia Solidária tem como princípios: a autogestão, a democracia, a solidariedade, a cooperação, o respeito à natureza, o comércio justo e o consumo solidário. (FBES, 2018). Tem um viés ideológico, com a valorização da integralidade humana - o trabalho como fonte de sobrevivência e de satisfação.

O que significa o termo: Economia Solidária? O Conselho Nacional de Economia Solidária utiliza o seguinte conceito:

A Economia Solidária expressa formas de organização econômica – de produção, prestação de serviços, comercialização, finanças e consumo – baseadas no trabalho associado, na autogestão, na propriedade coletiva dos meios de produção, na cooperação e na solidariedade. (CNES, 2015, p. 6).

O tema da educação / formação perpassa na transversalidade desses princípios, como um processo necessário e permanente de aprendizado, por meio dos trabalhadores. A educação social de trabalhadores, foi estimulada pelo professor Paulo Freire, quando estava no governo estadual de São Paulo. Ela surge em meados de 1960, com uma nova proposta pedagógica, que passa a ser construída com o aprendente, através de trocas de experiência baseadas em realidade concretas, do cotidiano dos trabalhadores desfavorecidos.

Com o aumento da desigualdade social no mundo algumas práticas de trocas, através do chamado comércio solidário, voltaram a aparecer nos anos de 1990, do século XX, ocasionando um crescimento de trabalhadores em busca de trabalhos associados e cooperados. Em prol da coletividade, alternativas de geração e renda, vem sendo desenvolvidas, sendo denominadas de: Economia Solidária. Essas práticas populares, no interior da sociedade civil, contribuíram para as formações de base, em comunidades com vulnerabilidades e com risco social. Citamos por exemplo, a instituição de base religiosa: Cáritas, com o desenvolvimento de “Programas Alternativos Comunitários” - chamados de PAC - lançados no ano de 1996, com recursos públicos, investidos na formação de trabalhadores. (CÁRITAS, 2018).

Em 2001, Porto Alegre sediou o I Fórum Social Mundial, onde foi implementado um Grupo de Trabalho Nacional de Economia Solidária (FBES, 2018), um acontecimento para revitalizar a economia solidária. Em 2002, um governo de esquerda entra em cena no Brasil, com a figura presidencial de um trabalhador sindicalista - Luis Inácio Lula da Silva. Segundo o CAMP (2017), a pauta da Economia Solidária fez parte da pauta deste governo, que buscava a participação popular e o controle social. Ocorreu em 2002 a I Plenária Nacional de Economia Solidária. E assim, a Economia Solidária passou a ter um viés de política pública, a partir da criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária, no ano de 2003, ano de criação do Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Em 2003, ocorreu a II e a III Plenária Nacional de Economia Solidária, com mobilização e articulação do movimento social, que buscava melhores condições de vida para a classe trabalhadora, foram criados espaços de debate, organização e de formação através dos Fóruns Regionais

de Economia Solidária. A IV Plenária Nacional de Economia Solidária foi realizada em 2008 e V e última ocorreu em 2012, com a tarefa de construir um Projeto Político Pedagógico Participativo da Economia Solidária, conforme dados do CAMP (2017, p. 24).

A I Conferência Nacional de Economia Solidária ocorreu em 2006, com o tema da Economia Solidária como estratégia política de desenvolvimento. A II Conferência Nacional de Economia Solidária ocorreu em 2010, com a temática do bem viver, da sustentabilidade e do direito de cooperação. A III e última ocorreu em 2014, e buscou organizar a política pública de Economia Solidária, buscando estratégias e ações de fortalecimento dessa política nacional. (CAMP, 2017, p. 17-18).

A questão da educação esteve presente em todas as Conferências Nacionais de Economia Solidária. A SENAES implantou, no ano de 2009, cinco Centros de Formação em Economia Solidária nas regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste do Brasil, para trabalhar processos formativos, no viés da educação popular. A execução deste trabalho ocorre por meio de Edital de Chamamento Público, na parceria entre o governo e entidades pertencentes a sociedade civil. Em 2010, ocorreu uma Conferência Temática sobre Educação em Economia Solidária, com a proposta de indissociabilidade do processo formativo com as experiências dos trabalhadores, com foco na educação popular.

Na Formação Discursiva da Economia Solidária a temática da Educação fortalece a classe trabalhadora e busca a erradicação da pobreza, através do processo de geração de trabalho e renda. A sociedade civil ocupa mais uma vez esse papel da formação em trabalho. A questão é que o discurso perpassa a metodologia participativa, mas não é garantia que os trabalhadores em Economia Solidária constroem esse espaço formativo em conjunto com os educadores.

Como o estudo está em construção para formulação da tese de doutoramento, trabalharemos no seguinte problema de pesquisa: Existem formações discursivas diferentes entre os discursos da esfera pública e dos movimentos sociais, em relação a formação de trabalhadores em Economia Solidária? Analisaremos que posição ocupa o sujeito que produz o discurso e em que condições históricas e sociais ele produz esse discurso.

## **CONCLUSÃO**

Este estudo trará contribuições, a partir da Análise do Discurso, sobre o tema da formação de trabalhadores da Economia Solidária, através dos documentos produzidos nas

Conferências Nacionais de Economia Solidária. Buscamos a compreensão sobre a base conceitual da formação de trabalhadores na Economia Solidária, no viés da Educação Popular, e percebemos que a Educação Popular é um elemento importante nesse processo de luta de classe. A Educação Popular é um instrumento, potencialmente forte, na luta de classes. Contribuí no fortalecimento dos trabalhadores, na superação do cotidiano de trabalho, saindo por instantes dos processos de alienação, através de movimentos que são dialéticos.

Apreamos na Análise de Discurso - AD uma teoria, que é também ferramenta de conexão com a totalidade. Nessa tentativa de leitura do real, a AD contribui no processo de leitura da realidade social. Entendemos que a Análise do Discurso faz novos agrupamentos com a história, o sujeito e a língua. Pêcheux, com esses elementos de vertentes distintas, interconecta sentidos e formula outra perspectiva teórica, interpenetrada por processos linguísticos, na produção de sentidos do discurso.

É urgente desopacizar o contraditório, que existe em todo processo discursivo, como pretendemos encontrar em Pêcheux (1990). Descobrimos a centralidade do estudo no discurso, pelas narrativas dos dominantes, em uma análise de desopacidade do real, bem como o discurso de resistência, pelo viés do movimento social (neste caso, pela Economia Solidária). É urgente a desopacização do contraditório que existe em todo processo discursivo, principalmente no que tange o discurso nas formações discursivas, imaginárias e ideológicas sobre a formação de trabalhadores em Economia Solidária, pelo viés da Educação Popular. E este estudo inacabado, segue em construção.

Compreendemos que as políticas públicas são dinâmicas. Variam conforme o momento histórico, e a sociedade em que se encontra. Existem ciclos que organizam as políticas sociais e que dependem da forma de gestão governamental e do efetivo controle social exercido pelo povo, por meio de mobilizações e participação social. Novas noções precisam ser apropriadas, e um mergulho teórico foi necessário para desvendar as condições de produção, dos nossos discursos cotidianos – do fazer profissional no Serviço Social e do lugar de pesquisador com novas perspectivas analíticas, na leitura da realidade, para efetivas contribuições nas políticas sociais públicas.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO – MT. **O que é Economia Solidária.** Disponível em: <<http://trabalho.gov.br/trabalhador-economia-solidaria>>. Acesso em: 09 Abr. 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - MTE. **Centros de Formação em Economia Solidária**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2013/02/brasil-implanta-centros-de-economia-solidaria-em-42-municipios>>. Acesso em: 05 Mar. de 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - MTE. SENAES. **I Oficina nacional de formação / educação em economia solidária (Documento final)**. Disponível em: <[http://base.socioeco.org/docs/i\\_oficina\\_nacional\\_formacao\\_educacao\\_em\\_economia\\_solitaria.pdf](http://base.socioeco.org/docs/i_oficina_nacional_formacao_educacao_em_economia_solitaria.pdf)>. Acesso em: 22 Fev 2017.

CÁRITAS BRASILEIRA. **Entenda a proposta do Centro de Formação em Economia Solidária**. Publicado em: 17/05/2013. Disponível em: <[http://www.adital.com.br/site/noticia\\_imp.asp?lang=PT&img=S&cod=75338](http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=S&cod=75338)>. Acesso em: 04 Nov 2018.

CENTRO DE ASSESSORIA MULTIPROFISSIONAL – CAMP. **A Política Pública de Educação em Economia Solidária através do CFES Sul**. Daniela de Oliveira; Helena Bins Ely. Porto Alegre: Dialogar, 2017. Disponível em: <<http://camp.org.br/files/2017/11/Sistematiza%C3%A7%C3%A3o-CFES-Sul-Pol%C3%ADtica-P%C3%BAblica-Educa%C3%A7%C3%A3o-EcoSol.pdf>>. Acesso em: 25 Abr 2018.

3ª CONFERÊNCIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. **Construindo um Plano Nacional da Economia Solidária para promover o direito de produzir e viver de forma associativa e sustentável. Conferência Temática de Economia Solidária de Educação e Autogestão**. Documento Final. Brasília, DF: 2014. Disponível em: <[file:///C:/Users/User/Documents/Doutorado/Economia%20Solidária/doc\\_final\\_conferencia\\_tematica\\_educacao\\_autogestao.pdf](file:///C:/Users/User/Documents/Doutorado/Economia%20Solidária/doc_final_conferencia_tematica_educacao_autogestao.pdf)>. Acesso em: 05 jun 2018.

FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA - FBES. Disponível em: <<http://fbes.org.br/>>. Acesso em: 16 set 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HARVEY, David. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. Tradução de Joao Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo 2010: trabalho e rendimento**. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/biblioteca/visualizacao/periodicos/1076/cd\\_2010\\_trabalho\\_rendimento\\_amostra.pdf](http://www.ibge.gov.br/biblioteca/visualizacao/periodicos/1076/cd_2010_trabalho_rendimento_amostra.pdf)>. Acesso em: 19 Jan. 2017.

PEREIRA, Potyara Amazoneida Pereira. Curso ministrado pela professora doutora, no Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais, da UFRGS, em 16 e 17/11/2017. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2017.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso. Estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso – uma crítica à afirmação do óbvio.**  
Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

<http://www.senaes.gov.br/>